

## **Comentário de Santo Tomás de Aquino ao *De Hebdomadibus* de Boécio - advertência preliminar -**

Prof. Dr. Elcias Ferreira da Costa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Como justificativa para a terminologia adotada na tradução do Comentário de Santo Tomás de Aquino ao *De Hebdomadibus de Boécio*, particularmente na tradução da dicotomia *esse x id quod est*, o autor teceu considerações em torno da controvérsia que envolveu os teólogos medievais a respeito da distinção real entre essência e existência, para concluir que em Santo Tomás de Aquino, tal como em seu antecessor Boécio, não se verificou a perspectiva predicamental, dentro da qual os escolásticos do século XIV construíram a teorização da distinção Essência x Existência, não tendo, porém, faltado a Tomás e a Boécio a intuição de que tal distinção se verifica no plano transcendental, consoante ficou esclarecido com a teoria dos três graus de existir, elaborada pelo teólogo inglês, João Baconthorp.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino, Boécio, *De Hebdomadibus*, *esse x id quod est*, João Baconthorp.

### **Abstract**

As a kind of justification for the terminology, adopted in St. Thomas of Aquinas commentary translation regarding to Boethius “*De Hebdomatibus*” particularly in his dichotomy translation “*esse x id quod est*”, this Author wove some considerations about, around the controverse that engaged Middle Age’s theologians about the real distinction between essence and existence, so that he concluded that, in St. Thomas of Aquinas, as well as in his predecessor Boethius, it was not possible verifying the predicamentic perspective, which the XIV century Scholasticism thinkers, philosophers and theologians, within, rose up, built essence x existence distinction theoryzation, although Tomas and Boethius had been aware, at least, in an insght terms, regarding to such a distinction could be verified in transcendental sphere, according the way it became cleared up through three existing grades, theory, elaborated by the English theologian, John Baconthorp.

**Key words:** St. Thomas of Aquinas, Boeutius “*De Hebdomadibus*, “*esse x id quod est*”. John Baconthorp.

No tesouro das obras que se ocupam do sentido do existir, cons titui, no dizer de Pandolfi, uma pequena jóia o tratado de Boécio,

mais conhecido como *De Hebdomadibus*.

Escrito por volta do ano 526, foi comentado por Gilberto de Poitiers, Clarembaldo de Arras e Teodorico de Chartres e, no século XIII, por Santo Tomás de Aquino<sup>2</sup>. Não obstante autores, como Ignácio Sarre<sup>3</sup>, considerarem obra de excepcional importância, como inspiradora da solução tomista sobre a distinção entre essência e existência, não tem o *De Hebdomadibus* merecido maior interesse por parte dos tradutores. A explicação desse desinteresse dos tradutores possivelmente se encontre na forma obscura, com que o próprio Boécio *optou* por redigir seu trabalho, inclusive para atender à sugestão do seu interlocutor epistolar.

Tem-se observado, ademais, que o presente texto é rico em ambigüidades e obscuridades, defeitos que o próprio Boécio tenta justificar como consequência da concisão de estilo por ele escolhido. No que se refere ao estilo de Tomás de Aquino, convém lembrar que já Torrel<sup>4</sup> aludiu às muitas falhas de redação, considerando que muitos dos textos de Tomás de Aquino foram escritos em ambiente de muita agitação, tendo, freqüentes vezes, que ditar, simultaneamente, para três e, até, quatro secretários, textos diferentes sobre temas diferentes.

Impende, por outro lado, observar que, no presente opúsculo de Boécio, bem como no comentário de Santo Tomás, são particularmente interessantes as considerações em torno dos princípios metafísicos do ente finito, dado que nelas se pode encontrar o germe da discussão levantada durante todo o século XIV, em torno do problema da distinção essência *versus* existência. No que a Boécio, em particular se refere, destaca-se, nesse texto, o sentido enigmático que tem sido atribuído às expressões *id quod est* e *esse*.

Para nós, o tema é particularmente convidativo, na medida em que oferece oportunidade para se esclarecer algo que consideramos constituir a origem de algumas das ambigüidades apontadas no texto em apreço, bem como para desfazer confusões que envolvem a controvérsia criada desde a Idade Média, em torno do problema da existência.

Eu diria que em todos os curiosos em esquadrihar as últimas causas dos seres, existe a intuição de uma diferença real entre

essência e existência, sendo importante advertir que a dificuldade começa quando, traídos pelo *a priori* de natureza gnosiológica, se substancializam as percepções de existir e do *existir-em-sendo*, como dois *quid*<sup>5</sup>, um, nominativo (*quod est*) e outro, ablativo (*quo est*), como se se tratasse de dois elementos ou, mesmo, de dois princípios.

**Importa sempre ter presente que somos alguma coisa – porque existimos, e que só existimos, enquanto somos alguma coisa. Não poderíamos existir, nada sendo, nem poderíamos ser isso ou aquilo, sem existirmos. Essa intuição origina-se, não de um raciocínio filosófico, mas tão só da circunstância da não-experiência de seres que não seriam algo.**

Os medievais e, de modo particular, os escolásticos, verificaram que *ser-algo* e *simplesmente ser-sem-ser-algo* correspondiam a contingências diferentes de ser. Santo Tomás de Aquino distinguiu enfaticamente *esse* de *essentia*, embora jamais tenha escrito um tratado explicitamente sobre como se entender a distinção real. Nem fixasse os termos em que tal distinção deveria ser entendida.

Procurando uma fundamentação em Aristóteles, descobriu o Doutor Angélico uma analogia entre a composição de matéria e forma (na essência dos corpos) e a composição de ato e potência (na essência de todo ser finito); afirmou, ainda, ultrapassando o horizonte aristotélico<sup>6</sup>, uma analogia, em nível transcendental, entre a relação de ato e potência e a relação de existir e *existir sendo algo*. Tal como ato e potência se relacionam, relacionam-se matéria e forma e, mais ou menos, numa igual proporção, relacionam-se essência e existência. De tal forma fixou a analogia, que o *Esse* passou a ser considerado como o ato, e a *essência*, como a potência<sup>7</sup>; e, assim, tal como a forma não aparece separada da matéria, que lhe dá recepção, de maneira semelhante, a *existência* não aparece senão em-sendo-recepcionada-por-uma-essência.

A explicação é muito interessante, só que, nisso tudo ficou sem referência geográfica (*sic!*) o ser-da-essência, que, mesmo não existindo, daria recepção a um ato de existir, do qual também se igno-

ra o ponto geográfico, que lhe condicionaria a origem.

Ferdinand Steenberghen<sup>8</sup> observou que o problema do que se convencionou chamar de composição do ser finito, como sendo efeito do encontro do *ESSE* com a potência, atinge as raias do mistério mais profundo ainda, o mistério da criação.

Na verdade, se imaginássemos o existir como um *átomo* originário, do qual, como por efeito de uma desnuclearização, irradiaria a essência, que estaria em potência, precisaríamos explicar, ainda, como e onde teria aparecido e, ainda, em que consistia esse existir, ele próprio, de algum modo essencializado?

Voltamos ao princípio da questão: e se não é *um como átomo* primitivo, seria o que, o existir? – De modo análogo, tratando-se de essência, como poderia a essência ser receptiva de um existir, se ainda não existe?

Se, porém, descendo do alto da consideração transcendental, ficarmos na planície, considerando apenas a composição dos corpos, podemos encontrar uma explicação consentânea do encontro essência–existir, desde que se admita – ao menos como hipótese – que o existir da experiência humana tenha por origem um processo de criação. Partindo da possibilidade de uma tal hipótese – a saber, que o existir tem sua fonte num *ESSE* criador, transcendente e não imanente – encontraremos uma razoável explicação do, agora apenas aparente, mistério (qual seja, do existir essencializado) no mistério, mais suave, da geração.

Aceitamos com Santo Tomás:

- I. que de Deus vem o *esse* e o *conservar-se no Esse*<sup>9</sup>.
- II. Que do *Esse* criador vêm as razões seminais, já anunciadas por santo Agostinho<sup>10</sup>, precisamente aquilo que chamamos o estatuto ontológico do indivíduo inserido na forma substancial.
- III. Como Aristóteles, pressupomos que *corruptio unius generatio alterius*. Não se conhece outra possibilidade de novos seres existirem, a não ser pela geração. O que ocorre entre as formas puras, se elas existem, não o alcançam as disponibilidades gnosiológicas da natureza humana.

## 1 Distinção entre essência e existência: teorização

Na tradução do Comentário de Santo Tomás ao texto de Boécio, o problema fundamental situa-se no sentido emprestado à palavra *Esse*. Efetivamente, o que no *Hebdomadae* unanimemente tem sido apontado como enigmático é, sem dúvida, o seu conceito de *ESSE*.

Aceitando-se que o *ESSE* em Boécio não tenha a mesma significação do *esse* tomasiano, como ato de ser, perfeição dos atos, consideramos, contudo, como sendo difícil que lhe tenha faltado a intuição de que seja impossível algo existir sem ser qualquer coisa, sem ser isso ou aquilo; e, em segundo lugar, consideramos também impossível que as coisas da experiência se façam apreensíveis como existentes *a seipsis*, sendo sem terem sido geradas, que existam sem um começo, sem uma causa.

O que não se verifica na intuição de Boécio, como não se verifica na intuição de qualquer pessoa é que a essência seja um algo que se mistura com outro algo, chamado existência, para dar origem a um ente.

Essa construção é produto da preocupação que motivacionou os teólogos medievais a forjar argumentos e levantar hipóteses destinadas a fundamentar a racionalidade do mistério revelado, segundo o qual o Verbo divino assumiu uma natureza, real e não potencial, todavia, real sem que fosse subsistente. Mister se fazia, naquele ambiente medieval, impregnado de curiosidade em torno de problemas teológicos, evitar a explicação, segundo a qual a natureza humana, gerada em Maria, seria uma natureza, não apenas existente, mas subsistente, pois tal solução levaria à afirmação de que houvesse em Cristo duas pessoas, resultando, então, ser meramente acidental a união da natureza humana com o Verbo.

Urgia, por outro lado, evitar a solução que atribuísse à pessoa de N.S. Jesus Cristo uma única natureza, que seria a do Verbo, explicação com que se esvaziava a realidade e a essência da humanidade de Cristo gerada em Maria.

Daí a preocupação em se encontrar uma explicação para o fator determinante, que deveria ocorrer a uma natureza humana

gerada, tornando-a apta para subsistir, fator que, na explicação da união hipostática, teria faltado à natureza humana, em sendo assumida pelo Verbo. Todavia, como seqüela dessa explicação, restaria a necessidade de se admitir em Cristo dois existires: dos quais, só um – o existir do Verbo – seria subsistente, ao passo que, a respeito do outro existir, o da natureza humana, não se saberia o que fazer com ele.

Toda essa complicação ocorria porque se figuravam existência e essência como sendo dois princípios parciais, que se completavam. E, no caso da união do Verbo com a natureza humana, sabendo-se que havia duas naturezas, e não havendo dúvida quanto ao existir da natureza divina, o questionamento se restringia a saber se a natureza humana de Cristo *tinha ou não tinha um existir próprio* e, mais, admitida que fosse a resposta afirmativa, impunha-se dizer o que teria faltado ao existir humano para se tornar subsistente. Em resumo: indagava-se sobre o em que consistia o constitutivo formal do suposto.

Sendo humana, a natureza a ser assumida pelo Verbo divino tinha forma e matéria e, sendo princípio aceito desde Boécio, que da forma sairia o ato de existir (*esse ex forma, forma dat esse rei*), seguir-se-ia que o existir humano de Cristo derivaria da forma substancial. O nó do dilema consistia nisso: a necessidade de salvar a realidade da natureza assumida pelo Verbo, natureza verdadeiramente humana, a qual não seria real se lhe faltasse o existir e, pelo lado oposto, salvar a unicidade da personalidade do Verbo, que, hipostaticamente, assumiu uma natureza humana perfeita.

A polêmica provocou controvérsia envolvendo todos os teólogos do séc. XIV e seguintes, permanecendo, ainda hoje, dividindo os autores.

Como se percebe, a controvérsia abrangia dois problemas intimamente implicados: o do constitutivo formal de suposto e o que lhe serviria de pressuposto, a saber, o da distinção real entre essência e existência.

O Scyllas e o Caríbdis em que se defrontava o dilema, consistia em, se, de um lado, se afirmasse que Cristo assumiu uma natureza humana, real e em ato – *verus homo* – sem um existir

próprio, seria incidir na heresia que afirmava uma só natureza no Verbo Encarando; admitindo-se que, ao lado do Verbo Encarnado, subsistia uma outra pessoa, a pessoa humana, seria incidir no erro de Ario e de Paulo de Samosata.

As diversas opiniões dividiam-se entre:

- a) admitir que à natureza humana assumida pelo Verbo faltava-lhe um acabamento, ou um aditamento, que seria a personalidade ou a supositalidade;
- b) admitir que a personalidade consistia na própria existência do Verbo, que, em assumindo a natureza humana, lhe teria estendido o próprio existir; o que equivale dizer que o Verbo assumiu algo inexistente<sup>11</sup>.

A se aceitar a tese, pouco conhecida, do carmelita Fr. Emílio Winck<sup>12</sup>, uma e outra questões partiam de um equívoco, qual seja: o de se procurar para um problema, situado no plano transcendental do existir, uma solução envolvendo termos situados no plano meramente predicamental da natureza.

Aceitando-se o ensinamento de Santo Tomás de Aquino que o existir é a perfeição das perfeições<sup>13</sup>, teremos que admitir como injurioso à sabedoria divina afirmar que a humanidade assumida pelo Verbo fosse destituída da mais elementar das perfeições, o seu existir.

## **2 Ato total x potência total**

João Baconthorp, teólogo inglês da ordem carmelitana<sup>14</sup> do século XIV, deixou claro:

O *ESSE* é ato total de uma potência total. Como a geração termina no composto de matéria e forma, o *ESSE*, que coloca no teatro da coexistencialidade o composto todo, que estava em potência, o *ESSE* é *ato total*, que transporta a essência composta, todinha, da sua condição de *potência total* para um segundo grau de existir<sup>15</sup>. Na verdade, quando algo é trans-

portado do existir, virtualmente contido, para existir formalmente tal, adquire um novo grau de existir<sup>16</sup>.

Explicando o texto bacontorpiano. diz E. Wienk:

Não se dirá que a essência e o existir constituem um *tertium quid*, tal como ocorre na composição de matéria e forma, mas tão somente uma essência existindo. Esta composição (de matéria e forma) ocorre no plano predicamental, enquanto aquela ocorre no plano transcendental. Ora, todo ato transcendental atinge o sujeito em seu todo, daí ser um ato total, correspondendo a uma potência total. E como a essência material (o composto inteiro de matéria e forma) está toda em potência para existir, com propriedade se diz que a essência é uma potência total e o existir o ato total da mesma<sup>17</sup>.

Nos antípodas de Tomás de Aquino, não admite o Baconthorp que haja recepção do existir pela essência:

Não se há de imaginar que a essência participe do existir como algo que fosse recebido nela, tal como se diz que o ar participa da luz, numa tal ótica, é claro que diferem uma do outro; em se dizendo, porém, que a essência participa do existir, deve-se entender no sentido de que, sendo a essência, em si mesma, como algo abstrato, indiferente a ser e a não ser, diz-se que existe, quando, por ação do agente, é produzida efetivamente...Ora, a respeito da coisa que é produzida em efeito, não se diz que seja uma existência recebida na essência, mas tão somente que a essência está subsistindo<sup>18</sup>.

Com uma comparação, o Resoluto ilustra o asserto:

Se o sol produzisse um raio por si subsistente, não se diria que algo foi recebido no raio, tal como se diz que a luz é recebida no ar, mas apenas se diria que a

essência do raio estaria subsistindo ou sendo produzida em efeito, tendo estado antes em mera potência. Assim se dirá que o existir não difere realmente da essência como algo nela recebido, mas que é a mesma essência, enquanto produzida e atualizada<sup>19</sup>. Em se afirmando um novo *grau de existir*, causado por traslado de potência para ato (como ocorre quando a essência-em-potência é produzida e se faz quiddidade), então, assim como ato e potência não modificam a essência, assim também um tal grau de existir – que consiste em a quiddidade existir-em-ato – não acrescenta uma nova realidade, mas tão somente um novo *grau de existir*, porquanto apenas acrescenta uma perfeição existencial<sup>20</sup>.

### 3 A geração do ser finito: ponto geográfico do existir

Do que depreendemos da leitura de João Baconthorp e, mesmo, de Santo Tomás de Aquino, podemos agora explicar o que chamamos de ponto geográfico do *ESSE*, a saber: do existir, que é apreensível por nossa condição gnosiológica, o existir criado, que tem começo e fim, situa-se no processo de geração.

Prosseguindo em sua explanação, ensina o Baconthorp que na marcha do processo da geração, a essência do composto, passando do estado meramente potencial – *primeiro grau de existir*, ainda no seio do gerador, atinge, com a produção do segundo efeito formal da essência, um *segundo grau de existir*, a saber, o existir-como-humanidade, agora já fora da sua causa.

Transportada que seja do **primeiro grau de existir** (enquanto simples potência subjetiva no seio do gerador) para o teatro da coexistencialidade – atingido agora o **segundo grau de seu existir** –, a essência composta (matéria e forma, ultrapassado o existir-em-grau-embrionário) traz consigo a virtualidade para atingir um grau de perfeição existencial último, a saber, “ser ela mesma” existencialmente individualizada, verdadeiro suposto, humanidade, agora não apenas real, porém, ademais, humanidade subsistindo.

Considerada essa gradação escalonada dos efeitos da causa formal da essência humana, o Baconthorp tem como explicar a possibilidade metafísica do mistério revelado da União hipostática do Verbo divino, sem ter necessidade de **mutilar** a causalidade formal da humanidade, que Cristo assumiu, na realidade do seu existir, nem de refugiar-se em uma **modificação** da essência, na linha de essência – , pois esta era real, existente e não fantasmagórica – e sem incorrer na consequência herética de dizer que o existir do Verbo divino **teria entrado em composição** com a essência humana, dando-lhe a forma do existir que estaria faltando à humanidade assumida. Sem dúvida, o existir da humanidade gerada no seio da Virgem Santíssima, ao ser ela assumida pelo Verbo divino, não atingira o grau supremo do existir, **como existir subsistente**, mas tão somente um segundo grau de existir, não chegando a atingir o grau de supositalidade.

Como toda essência criada, a humanidade de Cristo, no seio da Virgem Santa, em sendo assim transportada ao seu segundo grau de existir – observa o Doutor Resoluto –, está marcada por uma *potência obediencial* em face do Criador, potência obediencial, em virtude da qual pode ser impedida de atingir o seu segundo efeito formal, a saber, o subsistir<sup>21</sup>.

Destarte devemos entender, com João Baconthorp, que não existe um encontro de existência com essência, nem um processo de recepção por parte da essência diante da existência; como se a existência fosse um algo universalíssimo e comum, do qual todo ser participasse, sem que ele mesmo ficasse diminuído.

Podemos agora, à luz do ensinamento de João Baconthorp, identificar, no processo da geração, o que chamamos de *ponto geográfico do Existir*, sendo efeito de uma causa próxima, o agir do genitor, e de uma causa primeira, o *Fiat* criador, que ocorre a cada surgir de um ente:

Deus não somente move as coisas para a ação aplicando as formas e potências delas à operação.... como também dá às criaturas agentes suas formas próprias e ainda as conserva na existência.....” e

que Deus é a causa do existir universal em todas as coisas, pois o existir que é o que de mais íntimo existe nas coisas; segue-se que Deus opera no interior de todas as coisas<sup>22</sup>.

#### **4 Intuição, sem teorização, da distinção essência X existência**

Se João Baconthorp teve o mérito de especificar os termos da solução do problema que envolve os primeiros princípios metafísicos do ser, distinguir as escalas do processo da geração do *ESSE*, situar o ponto geográfico do existir e o sentido exato do que se tem designado como distinção real de essência e existência, podemos encontrar precursores que, não clarificando o cerne da solução, forneceram-lhe noções que lhe abriram o caminho para tal.

De modo particular, a autoridade de Santo Tomás de Aquino citado com veneração por Baconthorp, influenciou com os seguintes esclarecimentos:

Sendo a geração uma transformação para o existir da coisa, diz-se que foi simplesmente gerado aquilo que simplesmente se torna ente de um que era não-ente-em-ato, mas tão-somente ente em potência<sup>23</sup>.

Que a criação é um ato que consiste em transferir a essência que em potência está na mente divina, - tanto pelo seu existir como pela sua talidade e ipseidade de existir (cada existir é expressão de um *FIAT* e cada Fiat é um *UNO* posto em atualidade), cada geração é o repetir de um *ECCE ANCILLA DOMINI*, como *potentia obediencial*, para expor a sua matéria geradora como receptáculo do existir-individualmente essencializado por efeito do Criador. Isso explicou Santo Tomás de Aquino, ao dizer: “Deus ao momento em que produz o existir, produz simultaneamente aquilo que recebe o existir<sup>24</sup>”.

Quem duvidaria de que “cada criatura corresponde a um pensamento *eficaz* da vontade divina? Considerado o processo total da criação, aceitaríamos então que o *esse*, em procedendo do FIAT criador, em cada geração, não vem universalizado para ser recebido

por uma essência; antes, segundo a forma-arquétipo, presente na mente do Criador desde o início do presente eterno, torna-se gerado, em sendo acolhido pela matéria do gerador.

A intuição de que são contingências inconfundíveis o fato de existir algo e a impossibilidade de existir sem que seja ou isso ou aquilo ou aquilo outro, uma tal intuição ocorre em todo intelecto perscrutador das suas origens.

Podemos, pois, com certo fundamento, admitir que, se, em Santo Tomás de Aquino e em Boécio, não houve uma explícita teorização da distinção entre essência e existência<sup>25</sup>, nos termos como foi colocada a partir do século XIV, houve intuição clara do fenômeno, visualizado, embora, através de pressupostos distorcidos, como a formalização entre *quod est* e *quo est*.

A respeito da intuição em Boécio sobre a distinção entre essência e existência, além dos textos citados, interessa a observação de Ignácio Sarre:

Lo que parece claro es que en esta interminable controversia sobre la exégesis del texto boeciano solo hay un acuerdo general: que el texto boeciano no sugiere directamente la distinción real *esse-essentia*<sup>26</sup>.

Todavía concorda com Fabro em que

con Boecio es la primera vez que el *esse* aparece solo y es significativo *per se*, como *esse ipsum*. Y esto es una novedad en la filosofía medieval. Boécio aplica el *esse* a la esencia de Dios, sendo que dicha fórmula categórica no tiene paralelo en la Patrística, si no es por la referencia obvia al texto del Éxodo<sup>27</sup>.” .Boecio funda el *esse* sobre la forma y es la “forma divina” que fundamenta la perfección y trascendencia del *esse*<sup>28</sup>.

## 5 Existir ou não existir

Podemos concluir que o problema fundamental é somente este: existir ou não existir. O que se poderia imaginar como intermedi-

ário entre existir e não existir? Sem dúvida, podemos distinguir entre a observação de Existir, como a contingência de estar presente na comunidade dos existentes, e a extensão de perfeição existencial que cada existente apresenta em existindo.

De excepcional importância, quando se faz tradução de tema filosófico medieval, sobretudo em sede metafísica, decidir sobre o exato sentido da palavra *ESSE*.

Há de, preliminarmente, advertir-se que o tradutor brasileiro ou português tem que considerar qual o sentido da palavra *SER*, com a qual se pode traduzir a expressão latina *ESSE*. Primeiro, como substantivo, significando “o ente”, “o que é”. Segundo, como forma infinitiva do verbo de ligação entre algum sujeito (aquilo que os filósofos dizem *id quod est*) e o predicado, a saber, *o algo que uma coisa é* ou *aquilo que é* (*hoc quod quid est*).

Já o termo latino *Esse*, raramente se usa como substantivo, sinônimo de *ENS* (aquilo que é), significa, muitas vezes, cópula entre “um que é” e “o até onde vai sua perfeição em ser”. Todavia, o termo *ESSE* significa também *existir*. Aliás, quando o *ESSE* não é usado com o sentido de ente, deverá ser entendido como o “ato de estar sendo”, ato exercido por algum sujeito. Dizendo-se em latim *aliquid est*, o sentido é *algo existe*, e não *algo é*<sup>29</sup>, porquanto “de nenhum algo se pode dizer *que é, sem ser algo*”.

Santo Tomás de Aquino também distinguiu:

Em dois sentidos se pode tomar a expressão *esse*: num sentido, significando “o ato de ser”, noutra sentido, significando a composição da proposição, que a alma encontra ao unir um predicado ao sujeito. No primeiro sentido, não podemos saber se Deus existe, como também não podemos conhecer a sua essência, senão, apenas no segundo sentido, a saber: essa proposição que formamos a respeito de Deus, quando dizemos “Deus existe” (*Deus est*); essa proposição é verdadeira. E isto o sabemos, ao inferirmos dos seus efeitos<sup>30</sup>.

Enquanto o ser apreendido pela experiência humana, todo ele “tem uma essência,” visto que CADA ENTE SEMPRE E APENAS *é isso ou é aquilo que está sendo*, o EXISTIR SUBSISTENTE – o que Boécio designou como o “Existir Primeiro”, fonte de todo existir criado, como já fora advertido por Avicena<sup>31</sup> – *não tem essência*, pois a essência seria uma demarcação específica de um ser ao lado de outros.

A língua portuguesa ignora algum SER “que não seja isso ou aquilo”; de maneira que o nosso verbo *ser* não é, como o *ESSE* da língua latina, usado para significar existir. Então, a fim de traduzirmos o *ESSE* latino, de maneira clara e definida, teremos de traduzir como existir, sobretudo porque é a única maneira de contrapor “SER” e “ser alguma coisa”. Dizendo em português *eu sou*, ninguém entende como “Eu existo”. À expressão isolada *eu sou* desperta automaticamente a curiosidade para saber: *és mesmo o quê?*

Este será o nosso critério, sempre que precisarmos traduzir o *ESSE* boeciano em antítese com *essência*, ou mesmo, em contraposição com *id quod est*, ou seja, com aquilo que é. Aliás, outro não poderia ser o nosso critério, ante a tarefa de traduzir o opúsculo de Boécio, que parece não ser muito simples. Consideraremos no contexto, quando o autor faz ligação de algum predicado a algum sujeito, ou quando considera apenas o fato ou o ato de algo se fazer presente na sociedade dos existentes.

Juvenal Savian Filho, autor de uma tese, rica em fontes e em análises críticas e filológicas dos *Escritos (OPUSCULA)* de Boécio, oferece-nos as seguintes variações de significado do termo latino *ESSE*, empregado no *De Hebdomadibus* .:

Depois de afirmar que o vocabulário de Boécio é complexo e insinuoso, acrescenta:

O *Esse*, além do sentido de cópula, possui também o sentido absoluto de existir, ou ainda, de ente e de forma. Por sua vez, *id quod est* pode designar tanto a substância primeira como a substância segunda, além da qualidade accidental e da substância, tomada em sua unidade real, por oposição a uma realidade

O *esse* possui uma gama muito variada de significados, podendo designar o existir de maneira geral, mas também um sentido determinado de subsistência *in rerum natura*. Desse ponto de vista, entendido como forma, o *esse* não pode ser sujeito de *est*<sup>32</sup>.

Respeitadas as sinuosidades do léxico boeciano e sem querer aplinar suas variações, *esse* corresponderia, no interior do DH, à *forma essendi*, que constitui a substância concreta como *isto que é*, ou seja, como *um isto, um ente, de maneira*<sup>33</sup>.

Os termos: forma e *esse* são marcados por uma ambigüidade explícita, que os faz designar tanto o ser divino como a essência das coisas, ou o ente. De um lado, *forma* pode ser tanto o ser divino como a essência das coisas; de outro, *esse* pode designar tanto o ser divino como o ente<sup>34</sup>.

Não parece legítimo interpretar o *esse* boeciano no sentido de *actus essendi*, ato contingente de ser e de existir, contraposto ao *quod est*, concebido como essência possível<sup>35</sup>.

O *esse* pode remeter à Forma transcendente, subsistente no espírito divino, ou à forma imanente que informa o ente concreto<sup>36</sup>.

*Esse*, neste tratado, é tomado como equivalente de forma, mas no sentido de forma imanente. Ao contrário, *o isto que é* significa o todo concreto ou, se se preferir, a substância particular concreta que instancia a forma.<sup>37</sup>

Para Pierre Hadot,

el *Esse* designa evidentemente el ser, pero Boécio nos dice mui poco sobre lo que entiende por esto. Insiste solamente en su pureza. El *esse* no participa

de otra cosa y no admite mezcla con algo que no sea el mismo. Solo tiene predicado, no es un sujeto que entra en composición con una forma. Boecio distingue el *esse* recibido por los entes y el *esse* primero. Habla del *esse omnium rerum*, y también del *esse primum*. Idéntico al Bien primero<sup>38</sup>.

Traduzindo Hadot, diz Ignácio Sarre:

si bien Boecio identifica como sus predecesores neoplatónicos el *esse* con la primera hipóstasis, no así el ente con la segunda hipóstasis, pues para él es ente toda sustancia o cosa producida por el ser. Y así, en todo lo compuesto, uno es el ser (recibido del Ser primero) y otro es el sujeto que lo recibe. Mientras que en lo simple realmente no se da esta distinción<sup>39</sup>.

Consoante Pandolfi,

Boezio sostiene che l'essere astrato ideale non esiste; però, l'essere esiste – realmente distinto – nel sinolo *id quod est*, in cui l'*id quod* riceve sopra sè la *essendi forma*, cioè partecipa al l'essere<sup>40</sup>.

con Boecio es la primera vez que el *esse* aparece solo y es significativo per se, como *esse ipsum*. Y esto es una novedad en la filosofía medieval. Boécio aplica el *esse* a la esencia de Dios, sendo que dicha fórmula categórica no tiene paralelo en la Patrística, si no es por la referencia obvia al texto del Éxodo<sup>41</sup>. Boecio funda el *esse* sobre la forma y es la “forma divina” que fundamenta la PERFECCIÓN Y TRASCENDENCIA DEL ESSE<sup>42</sup>.

O presente trabalho serve como uma *Advertência Preliminar* à tradução que empreendemos do “Comentário de Santo Tomás”, e com ela queremos prevenir o bem intencionado e crítico leitor, sem pretendermos seguir a corrente de interpretação subjetivista.

Tentamos, nessa tradução, apanhar o verdadeiro sentido que, pareceu-nos, esconder-se sob a roupagem das palavras escritas, em conformidade com o contexto e, coerente com o que conseguimos da intuição metafísica dos autores traduzidos: SER, quando não for sinônimo de ente, é verbo de ligação, se atrelado a um predicado para o sujeito; e será expressão de “estar presente na comunidade dos existentes”, quando solteiro ou desvestido de predicado. Ou sou alguma coisa ou então não existo.

Consideramos, também, que, em respeito ao leitor, a digressão em torno do pensamento de João Baconthorp, impunha-se-nos como justificativa e fundamentação da tradução do *ESSE* e do *Id quod est* boeciano, tradução que não podia ficar prejudicada pela perspectiva, generalizada entre os medievais, e mesmo entre os tomistas contemporâneos, em se colocando os conceitos de Essência e Existência como dois *aliqua*, a se encontrarem e se casarem num composto. A essência, que está virtualmente na potência do gerador, em sendo individualizada pelo FIAT criador que faz a ação (autodeterminada ou instintiva) do mesmo produzir a matéria, essa essência é transportada do estado potencial – primeiro grau embrionário do existir – para o existir atual. Não são dois elementos, mas dois momentos de uma mesma essência, transportada de um grau a outro de existir.

Na tradução, utilizamo-nos dos textos acessíveis na internet nos sites [http://la.wikisource.org\\_liobrum\\_Boethii\\_hebdomadibus\\_expositio](http://la.wikisource.org_liobrum_Boethii_hebdomadibus_expositio) e [http://www.geap.com.Br/Assis\\_pesquisa.asp](http://www.geap.com.Br/Assis_pesquisa.asp). bem como o texto de Juvenal Savian Filho. Na tradução para o português não nos agarramos à sintaxe latina; fizemos uma tradução mais livre do que interpretativa; em alguns lugares, tentamos aliviar a rigidez da concisão estilística de Santo Tomás de Aquino, mediante o enxerto de explicitações entre parênteses.

## Notas

- 1 Elcias Ferreira da Costa é Doutor em Filosofia do Direito pela UFPE, professor aposentado.
- 2 Santo Tomás de Aquino deve ter escrito o presente Comentário, por volta de 1257. Ano 1257.
- 3 SARRE, L.C. Ignácio **La participación**: respuesta al porque de todo lo bueno. – Metafísica. Proyecto sofia-ensayos de filosofia. Ateneo Pontificio Regina Apostolorum & Autores católico.org & Equipo de prensa y redación Damavirtudes y valores. Accesible em [equipogama@arcol.org](mailto:equipogama@arcol.org), disponível em novembro de 2007.
- 4 TORREL Jean Pierre. **Iniciação a Tomás de Aquino**: sua pessoa sua obra. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- 5 *A priori gnosiológico*. Referimo-nos à condicionalidade ontológica das faculdades intelectivas, as quais, obedecendo à condição abstrativa, não conseguiu entender senão a partir de fantasmas, oriundos dos sentidos, – *nihil in intellectu quin prius in sensu* – os quais não apreendem nada senão como “algo que é algo.”
- 6 Cf. LAGRANGE, Reginald Garrigou. Thomisme. *In: Dictionnaire de théologie catholique* Paris: [sn.], [s.d.], Tome Quinzième. Première Partie., p. 838 *et seq.*
- 7 Oportet igitur quod ipsum esse comparetur ad essentiam quae est aliud ab ipso, sicut actus ad potentiam (*De Ente et Essentia*, c. III).
- 8 STEENBERGHEN, Ferdinand Van. *La composition constitutive de l'être fini*. **Revue Néoscholastique de Philosophie**, ano 1938, p. 501.
- 9 Hunc effectum causat Deus in rebus non solum quando primo esse incipiunt sed quandiu in esse conservatur. Esse universalis: ipse deus est proprie causa ipsius esse universalis in rebus omnibus, quod inter omnia est magis intimum; sequitur quod Deus in omnibus intime operetur. I. q. 105, art. 5. – “Non solum est causa actionum in quantum dat formam quae est principium actionis, sicut generans dicitur esse causa motus gravium et levium; sed etiam sicut conservans formas et virtutes ‘rerum’.....”
- 10 “Manifestum est autem quod principium activum et passivum generationis rerum viventium sunt semina ex quibus viventia generantur. Et ideo convenienter Augustinus omnes virtutes activas et passivas quae sunt principia generationum et motuum naturalium, seminales rationes vocat” (AQUINAS, Thomas. *Summa Theologiae*, P.I, Q. 115 art. 2).
- 11 Essa explicação foi defendida entre os antigos por Capreolo e, entre os modernos, pelo cardeal BILLOT. *De Verbo incarnato*. Romae: Universidade Gregoriana, 1927, p. 57.
- 12 A tese defendida por Rr. Emílio Wienk, da ordem carmelitana. Na Universidade Gregoriana, em 1936, tinha por título *De formali constitutivo suppositi, iuxta sententiam Johannis Baconthorp*.
- 13 “Hoc quod dico esse est actualitas omnium actuum e propter hoc est

- perfectio perfectionum” (*De Potentia, Q. 7, art. 2, Ad 9<sup>num.</sup>*).
- <sup>14</sup> João Baconthorp, conhecido entre os alunos como *Doctor Resolutus*, ingressou na ordem carmelitana no ano de 1305, ensinou nas Universidades de Oxford e Paris, faleceu em 1348.
- <sup>15</sup> Dico quod esse subsistere differt ab essentia sicut actus a potentia. Et ultra, quia actus et potentia non variant essentiam, minus differunt quam res diversae per essentiam....(Alia est) differentia non rerum, sed tamen realis et sic differunt actus totalis rei, qui dicitur esse, et potentia totalis rei, qui dicitur essentia... Secundo modo differt esse subsistere ab essentia et potest vocari ista differentia secundum gradus diversos essendi, large loquendo de gradu essendi.... (João Baconthorp, *In: III Sent., dist. X, q. 1, art. 4, apud WIENK, 1927, p. 42*).
- <sup>16</sup> Re enim vera, cum aliquid transfertur ab Esse virtualiter contento, ad Esse formaliter ut tale, novum gradum essendi acquirit, excluso quovis processu receptionis existentiae ab essentia (*Ibid.*).
- <sup>17</sup> WIENK, E. *Doctrina Johannis Baconthorp de Ratione Formali Suppositi*, p. 44.
- <sup>18</sup> Non est imaginandum quod essentia participet esse sicut aliquid receptum in ea, sicut aër participat lucem, et corpus... quia sic manifestum est quod realiter differant, sed sic participat esse quod essentia de se est tanquam aliquid abstractum indifferens ad esse et non esse, et tunc dicitur esse, quando per potentiam agentis est producta in effectum, tanquam ejus expressa similitudo in effectum. João Baconthorp (*In: III Sententiarum, dist. X, Q. 1, art. 4, fol. 299<sup>v</sup>, apud WIENK, 1927, p. 57*).
- <sup>19</sup> Si dicerem quod sol produceret radium suum per se subsistentem, non dicerem aliquid receptum in radio, sicut lux recipitur in aere, sed tantum dicerem essentiam radii subsistentem vel productam in effectum, quae primo fuit in potentia tantum. Igitur esse non differt realiter ab essentia tanquam aliquid receptum in ea, sed est ipsamet essentia ut producta et in actu (*Ibid.*).
- <sup>20</sup> Quando autem dicit super aliud gradum essendi per translationem de potentia in actum (sicut est quando essentia in potentia est producta et fit actu quidditas) non dicit novam rem, sed solum novum gradum essendi, quia solum addit perfectionem in esse (*In: III Sententiarum Libros, dist. X, q. 1, art. 7, apud WIENK, 1927, p. 47*).
- <sup>21</sup> Esse existere proprium naturae humanae separatur ab ea propter potentiam oboedientialem quam habet ad esse aliud suppositabile; sed humanare non separatur ab ea, quia respectu talis separationis non habet potentiam oboedientialem. João Baconthorp (*In: III Sententiarum, dist. 1, q. q. fl. 284<sup>v</sup>, apud WIENK, 1927, p. 147*).
- <sup>22</sup> AQUINO, Tomás, *Suma Teológica, I, Q. 105, art. 5*.
- <sup>23</sup> Cum generatio sit transmutatio ad esse reai, illud simpliciter generari dicitur quod simpliciter fit ens de non ente in actu, sed de ente in potentia tantum (*De Spiritibus creatis, art. 1, ad 9<sup>nim.</sup>*).

- <sup>24</sup> Deus simul dans esse producit id quod esse recipit. (*De Potentia, Q. III, dit. I, aad 7<sup>um</sup>*).
- <sup>25</sup> Ainda hoje há quem conteste que Santo Tomás de Aquino teria defendido uma distinção real, consulte-se entre outros, ROSANAS, Juan. **Question disputada em la filosofia y teologia escolásticas**. Buenos Aires/México: Espasa-Calpe, 1943.
- <sup>26</sup> SARRE, 2007, p. 25.
- <sup>27</sup> *Ibid.*, p.26
- <sup>28</sup> *Ibid.*, p. 30.
- <sup>29</sup> Uma pequena divergência aqui se denota entre a minha tradução e a do professor Juvenal Savian Filho, reconhecendo eu a *mais valia* da sua tradução, considerando-se a profundidade da sua investigação sobre o pensamento de Boécio e o contexto filológico dentro do qual elaborou seus escritos o filósofo medieval.
- <sup>30</sup> Aquino, Tomás de. *Sum. Teol. P I, q. 3, art. 4, ad 2<sup>um</sup>*.
- <sup>31</sup><sup>32</sup> Aliás o próprio Santo Tomás referindo-se a Avicena, escreveu: Quidam enim dicunt, ut Avicena (*Liber de Intelligentiis I*) et Rabbi Moyses (I, c. 57-58) quod res illa quae Deus est, est quoddam esse subsistens, nec aliquid nisi esse in Deo est : unde dicunt quod est sine essentia”. A frase originária de Avicena teria sido essa: “Primus igitur non habet quidditatem”, segundo informa-nos MARION, J- L. *Saint Thpomas d’Aquin et l’ontothéologie. Revue Thomiste*, T. XCV, n. jan. 1995, p. 60.
- <sup>33</sup> SAVIAN FILHO, Juvenal. **Metafísica do Ser em Boécio**. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia), São Paulo, 2005, p. 274.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, p. 277.
- <sup>35</sup> *Ibid.*, p. 291.
- <sup>36</sup> *Ibid.*, p. 295.
- <sup>37</sup> *Ibid.*, p. 321.
- <sup>38</sup> *Ibid.*, p. 18.
- <sup>39</sup> HADOT, Pierre. *La definitin de l’être, p. 147*, citado por SARRE, 2007, p. 21.
- <sup>40</sup> *Ibid.*, p.3.
- <sup>41</sup> PANDOLFI, *L’essere e la partecipazione, 25, apud SARRE, 2007, p. 25*
- <sup>42</sup> *Ibid.*, p.26
- <sup>43</sup> *Ibid.*, p. 30.

## Referências

AQUINO. Tomás de. *De Ente et Essentia*.

\_\_\_\_\_. *Summa Theologica*.

\_\_\_\_\_. *De Spiritibus creatis*.

BILLOT, Ludovico. **De verbo incarnato**. Romae: Universidade Gregoriana. 1927.

BOÉCIO. **Escritos (Opuscula Sacra)**. Trad. estudos introdutórios e notas de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LAGRANGE , Réginald Garrigou. Thomisme *In: Dictionnaire de theologie catholique.*. Paris: [s.n.], [s.d]. 1946. Tome Quinzième. Première Partie , p.838 *et seq.*.

ROSANAS, Juan. **Cuestiones disputada em la filosofia y teologia escolástica**. Buenos Aires-Mexico: Espasa-Calpe, 1943.

SARRE, Ignácio, L.C. **La participación**: respuesta al porque de todo lo bueno – Metafísica. Accesible em [equipogama@arcol.org](mailto:equipogama@arcol.org) , disponível em novembro de 2007.

SAVIAN FILHO, Juvenal. **Metafísica do Ser em Boécio**. São Paulo: USP, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) São Paulo, 2005

STEENBERGHEN, Ferdinand Van. La composition constitutive de l'être fini. **Revue Néoscholastique de Philosophie**, ano 1838, p.501.

TORREL, Jean Pierre. *Iniciação a Tomás de Aquino: sua pessoa sua obra*. Trad. de de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

WIENK, Emílio. **De formali constitutivo supposito iuxta sententia, Johannis Baconthorp**. Roma: Universidade Gregoriana, 1936. (Editio restricta, mecanographica).

### **Endereço para contato:**

Rua Ribeiro de Brito, 241/402  
Boa Viagem – Recife – PE  
CEP 51021-310  
E-mail: [elciasferreiracosta@ig.com.br](mailto:elciasferreiracosta@ig.com.br)